

Moacir Werneck de Castro

JORNAL DO BRASIL

O ministro da Fazenda tranqüiliza brasileiros e brasileiras: "Não vamos nos apavorar". Ao mesmo tempo, revela que estamos caminhando sobre o fio da navalha, o que é uma situação, se não apavorante, pelo menos assustadora.

Vendo o Mailson na televisão, achei-o menos lépido do que das outras vezes, ao dar o recado do não-apavoramento. Estava muito inseguro. Qualquer observador mais atilado lhe poderia notar uma inusitada vacilação no articular as palavras e um quê de sem-graça na expressão daquela cara de lua que faz a felicidade dos cartunistas. Talvez ele pensasse no velho pai, o pequeno lavrador Wilson, lá no interior da Paraíba, crivado de dívidas e julgando a luz de sua triste realidade as vantagens contadas pelo filho ministro.

Pois Mailson afirma que a inflação, com o INPC atingindo 23% em julho, está sob controle. Parece que atuou de novo no caso o componente chuchu, como ontem foi o corte de cabelo e a barba, onde fez estréia a navalha sobre cujo fio estamos agora caminhando.

A inflação é qualificada de "indecente", como já foi "inercial"; diz-se também "importada", por causa da seca nos Estados Unidos. Verifico que a terminologia do ministro também é importada. Ele comete uma impropriedade que só vem agravar o diagnóstico. Mailson repete o *indecent* que deve ter ouvido nos States, palavra que para os anglo-americanos quer dizer, primordialmente, não indecente, imoral, como em português, mas algo mais sutil, que se poderia traduzir por inconveniente, indesejável. (Consta no Webster: "*altogether unbecoming: contrary to what the nature of things or what circumstances would dictate as right or expected or appropriate, hardly suitable*". Bem diferente.)

As nossas autoridades, a começar pelo presidente da República, dão uma importância fulminante à questão do déficit público. Ele vem diminuindo, dizem. Visto esse êxito sensacional, não devemos nos apavorar com a inflação. Muitos economistas põem em dúvida o suposto controle do déficit público. E os leigos? Os leigos ficam absolutamente perplexos ante a relação, tão decisiva, estabelecida entre déficit e inflação.

Nossa inflação passou de 20% ao mês, mas está, diz o ministro, sob controle. Com alguma cooperação do povo e especialmente dos trabalhadores — sustentam as nossas vigilantes autoridades —, ela se estabilizará numa taxa menor, voltando à maravilha de 18 ou 19%... Surto inflacionário? Nada mais que um "acidente de percurso". Dá-lhe mais "feijão com arroz".

O mal do povo é o primarismo, é não entender a economia tal como a entendem as autoridades. Quando as vejo, despachadíssimas e cintilantes nas suas explicações, penso com saudade no tempo em que não havia televisão. Pelo menos a plebe ignara não se via esmagada com a loquacidade, a facúndia, o torrencial jargão desses figurões, que embrulham seus pacotes numa fala inacessível.

De vez em quando emergem do conjunto algumas frases inteligíveis, como esta: "Não haverá congelamento". A afirmação baixou do Olimpo planaltino. Com ela, asseguram os exegetas, o governo pretendeu barrar a alta dos preços, até

então impulsionada pela ameaça do congelamento. O raciocínio parece válido, só que prescinde de um detalhe de grande importância prática e efeito negativo, psicologicamente: os consumidores desejariam precisamente um congelamento que viesse opor um dique à carestia desenfreada.

Temos então que o congelamento é rejeitado pelo governo porque sua simples ameaça faz subir os preços; e é ao mesmo tempo desejado pelo povo como única medida imediata capaz de conter a ganância. Durma-se com um barulho desses.

Enquanto isso existe formalmente um organismo chamado CIP (Conselho Interministerial de Preços), que, quando não concede aumentos, se omite diante do galope ascendente dos preços. O CIP é uma das maiores piadas deste país de anedotas. Ninguém entende porque não o dissolvem de vez, para atingirmos aquele ideal do neoliberalismo que é ver os preços flutuando, docemente flutuando, livremente flutuando, sem qualquer empecilho legal, mesmo inócuo. No Brasil, esse objetivo parece cada vez mais fácil de atingir, porque não somente o governo e as classes possuidoras trabalham por ele, como também porque entre nós a lei da oferta e da procura está praticamente revogada, é mais uma lei que não pegou. No Brasil, com efeito, os preços aumentam sempre, independentemente de maior ou menor procura. Estranho país!

Temos então que o congelamento é rejeitado pelo governo porque sua simples ameaça faz subir os preços; e é ao mesmo tempo desejado pelo povo como única medida imediata capaz de conter a ganância. Durma-se com um barulho desses.

Enquanto isso, existe formalmente um organismo chamado CIP (Conselho Interministerial de Preços), que, quando não concede aumentos, se omite diante do galope ascendente dos preços. O CIP é uma das maiores piadas deste país de anedotas. Ninguém entende por que não o dissolvem de vez, para atingirmos aquele ideal do neoliberalismo que é ver os preços flutuando, docemente flutuando, livremente flutuando, sem qualquer empecilho legal, mesmo inócuo. No Brasil, esse objetivo parece cada vez mais fácil de atingir, porque não somente o governo e as classes possuidoras trabalham por ele, como também porque entre nós a lei da oferta e da procura está praticamente revogada, é mais uma lei que não pegou. No Brasil, com efeito, os preços aumentam sempre, independentemente de maior ou menor procura. Estranho país!

*MM é carioca.* Quero trazer mais um argumento em favor da vinda da pinacoteca de Murilo Mendes para o Rio de Janeiro. Muito antes do atual movimento — há quase 60 anos —, a autoridade de Mario de Andrade já conferia ao poeta nascido em Juiz de Fora o título de cidadão carioca. Está numa crônica de Mário no *Diário Nacional*, de São Paulo, de 21/12/30, onde se lê:

"Murilo Mendes é mineiro de origem. Mas ninguém mais 'carioca' do que ele. É que 'carioca' não esclarece a origem de ninguém, é uma determinação psicológica [...] O que é carioca? Leia Murilo Mendes. O prazer da festa, a maldadinha sem malvadeza e tudo pelo amor [...] A visão caçoista das coisas, tão espontânea e deliciosa no carioca, Murilo Mendes a tem com uma força de síntese e da relidade, muito rara."